
Revisitando a noção de tabu linguístico sob a égide dos postulados semânticos de Michel Bréal

Daniel Abud Marques Robbin¹ - PPGL/UFSC

Resumo: Este artigo trata de retomar alguns dos principais postulados semânticos fundados por Michel Bréal, dentre os quais, as noções de *pretensa tendência pejorativa das palavras*, *tendência melhorativa das palavras*, *eufemismo*, *metáfora* e *polissemia*, de modo a relacionar tais postulados à análise de itens lexicais tabus, de maneira que a significação seja compreendida como uma parte indissociável da unidade lexical. Ao colocar em perspectiva o uso linguístico como cristalizador de novos significados, Bréal assume uma postura historicista que considera a relação entre sujeito, língua e sociedade. E sendo a unidade lexical tabu uma portadora de relações de poder e de convenções sociais, materializa muitas das noções semânticas fundadas pelo teórico.

Palavras-chave: Tabu linguístico. Michel Bréal. Metáfora. Polissemia.

Revisiting the notion of linguistic taboo under the aegis of Michel Bréal's semantic postulates

Abstract: This article attempts to resume some of the main semantic postulates founded by Michel Bréal, among which, the notions of *alleged pejorative tendency of words*, *improving tendency of words*, *euphemism*, *metaphor* and *polysemy*, in order to relate such postulates to the analysis of lexical taboo items, so that meaning be understood as an inseparable part of the lexical unit. By putting in perspective the linguistic use as a crystallizer of new meanings, Bréal takes a historicist posture that considers the relationship between subject, language and society. And since lexical unity is a taboo bearer of power relations and social conventions, it materializes many of the semantic notions founded by the theoretician.

Keywords: Linguistic taboo. Michel Bréal. Metaphor. Polysemy.

Introdução

Monique Augras (1989, p. 13) chama atenção para o registro inicial do conceito de tabu, através do navegador James Cook, em expedição às Ilhas Tonga, no século 18, em que percebeu certa preocupação dos nativos com comportamentos que desafiavam o binômio sagrado-proibido. Cook foi quem trouxe esta noção às sociedades

¹ Graduado em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – PPGL (Área de Concentração: Sociolinguística e Dialetologia, Linha de Pesquisa: Contato, Variação e Mudança). E-mail: danielabudmr@gmail.com

ocidentalizadas.

Por sagrado-proibido se entende tudo aquilo que evoca superstições e crenças, e ao mesmo tempo, o medo por parte das sociedades em geral de pronunciar, tocar e até mesmo pensar o nome daquela coisa sagrada-proibida.

Se é relativamente antiga a noção de objeto-tabu, não é tão longínqua a formulação da expressão *tabu linguístico*, para designar as maneiras através das quais nomeamos categorias que, por razões de ordem moral, social ou ainda mágico-religiosa, trazem à tona o medo, a vergonha ou a interdição. São comportamentos, crenças, atitudes que ao se materializarem em signos linguísticos, podem ser malvistas por grande parte das sociedades a que pertencem. É preciso considerar, entretanto, que o conceito de tabu linguístico é relativo. Esta noção tem muito a ver com o tipo de sociedade em que se insere, com a cultura do povo que, por certas razões, teme o seu uso.

1 Uma breve retrospectiva dos estudos sobre léxico tabu

Em termos cronológicos, o primeiro registro de uma proposta de classificação dos itens lexicais tabus é creditado a Antoine Meillet (1906), que a utilizou em uma comunicação feita na Sociedade de Linguística de Paris (GUÉRIOS, 1979, p. 5). Ou seja, um conceito um tanto quanto recente, datando do começo do século XX. Isto é o que a história recente documenta, mas podemos pensar na possibilidade de estudos anteriores fazerem menção breve a esse tipo singular de unidades lexicais, com a ressalva de haver ausência de nomenclaturas ao objeto de estudo, o que impossibilita maiores sistematizações.

Não é de se estranhar que Meillet tenha alcunhado o tabu linguístico, pois tal autor se ocupou, em grande parte da sua trajetória acadêmica, de explicitar as relações entre língua e sociedade, ainda que de forma bastante assistemática. Os itens lexicais tabus são um instrumento potente de avaliação das relações entre língua, sujeito e sociedade, de forma que o sujeito, através das normas preconizadas pelo meio social em que insere, afeta a forma como utiliza a sua língua, inclusive escolhendo – inconscientemente, por vezes – aquilo que pode ou não ser dito.

Guérios (1979, p. 5) registra ainda, a utilização do termo *tabu linguístico* em língua portuguesa por primeira vez nos idos de 1927, a partir do texto “O eufemismo e o

disfemismo na língua e na literatura portuguesa”, de autoria do filólogo João da Silva Correia.

Pode-se pensar, ainda, classificações mais sistemáticas dos vocábulos-tabu a partir do antropólogo J.G. Frazer (1911), em seu *Tabou et les Périls de l'Âme*. A partir deste autor, algumas classificações para os tipos de tabus linguísticos tomaram corpo nos estudos do léxico. Ressalta-se, contudo, que a obra de Frazer não é propriamente linguística, senão de cunho antropológico. Sistematizaremos no quadro seguinte tais classificações.

Quadro 01: Tipologia dos tabus linguísticos a partir de diferentes teóricos.

| Autor | Classificação |
|-----------------------------------|--|
| J.G. Frazer (1911) | 1) Tabus sobre os nomes de pessoas; 2) tabus sobre os nomes designando os graus de parentesco; 3) tabus sobre os nomes dos mortos; 4) tabus sobre os nomes dos reis e de outras personagens sagradas. |
| J. da Silva Correia (1927) | 1) Eufemismos de superstição e de piedade; 2) eufemismos de decência e de pudor; 3) eufemismos de delicadeza e de respeito; 4) eufemismos de prudência e megalomania. |
| A.Carnoy (1927) | 1) Tabus sociais ou morais e 2) os supersticiosos. |
| W. Havers (1946) | 1) Nomes de animais; 2) nomes de partes do corpo; 3) fogo; 4) sol e lua; 5) doenças, lesões e anormalidades; 6) nomes de deuses e demônios. |
| S. Ullmann (1952) | 1) Tabus de superstição; 2) tabus de delicadeza; 3) tabus de decência |
| Charles E. Kany (1960) | 1) Interdição sexual; 2) interdição de decência; 3) interdição mágico-religiosa; 4) interdição social; 5) interdição política; 6) vícios e defeitos morais e físicos. |
| R.F.M. Guérios (1979) | 1) Tabus em nomes de pessoas; 2) tabus em nomes de parentes; 3) tabus em nomes de autoridades; 4) tabus em nomes religiosos; 5) tabus em nomes de mortos; 6) tabus em nomes de animais; 7) tabus em nomes dos membros do corpo humano; 8) tabus em nomes de lugares e circunstâncias; 9) tabus em nomes de doenças e defeitos físicos; 10) tabus em nomes de alimentos; 11) tabus em nomes vários. |

Fonte: Elaboração do autor, com base em Guérios (1979, p. 7-8)

Não é nossa intenção fazer uma vasta análise dessas diferentes tipologias para os

itens lexicais tabus. Optamos por expor as diferentes categorizações desse tipo de unidade lexical em forma de estudo preliminar, de modo que possamos, aqui, apenas relacionar a temática com alguns dos postulados fundadores da Semântica.

2 A noção de tabu linguístico pensada sob o viés da Semântica de Bréal

Dentro do quadro teórico dos estudos semânticos, aponta-se o pioneirismo de Michel Bréal. Foi quem deu alcinha a essa área dos estudos da linguagem, em fins do século XIX. Ao discorrer em seu *Ensaio de Semântica* (1897), sobre como se fixou o sentido das palavras, o teórico trata de pretensas² tendências das palavras. Dentre estas, menciona a *tendência pejorativa das palavras*.

Ao optar por fazer menção à esta pretensa tendência, como ele mesmo menciona em seus escritos, o autor situa a pejoratividade (formação de sentidos desagradáveis a partir de um vocábulo) dentro dos estudos semânticos de sua linha de investigação.

Grosso modo, existem alguns meios de substituição que amplificam ou neutralizam a carga pejorativa ou proibida dos itens lexicais tabus. Dentre estes, destaquemos o *eufemismo*, o *disfemismo* e a *metáfora*. Leia-se por eufemismo aqueles itens que provocam a suavização da ideia proibida. Com fins de exemplificação, retomemos algumas designações eufêmicas para “a mulher que se vende para qualquer homem” consoante Benke (2012, p. 189): *conquistadora*, *guerreira*, *leviana*, *madalena*, *mulher de vida fácil*, *mulher da vida livre*, *mulher de aluguel*, *solteira*, *mulher solteira*. De acordo com Seide (2006, p. 72):

Para Bréal, certas palavras têm seu sentido mudado em decorrência de terem sido usadas como eufemismos. Isto ocorre porque o ouvinte percebe o que está sendo evitado quando o falante usa a palavra eufemística no lugar daquela que denota idéias desagradáveis. (SEIDE, 2006, p. 72).

Tais expressões visam a neutralizar o caráter pejorativo que é a principal

² Apesar de Bréal fazer menção a essas pretensas tendências das palavras, o autor parece fazê-lo mais no sentido de situar o que se discutia até então sobre os processos de fixação dos sentidos das palavras, do que no sentido de reafirmar com concordar com essa tendência. Seide (2006, p.71) faz uma análise mais pormenorizada sobre os aspectos da obra de Bréal aplicáveis às mais recentes teorias linguísticas, e explica que, na verdade, o autor não crê que as palavras tenham tendências “imanes”, fechadas em si próprias, mas que as mudanças de sentido ocorrem motivadas pelo uso e, portanto, por fatores externos à língua, em uma postura historicista.

característica do tabu linguístico. E este caráter pejorativo dos usos linguísticos já constava na semântica de Bréal, ainda que este não tenha sido o responsável pela alcunha *tabu linguístico*.

Para fins de exemplificação, tomemos, ainda, o estudo de Benke (2012, p. 189), onde esta apresenta designações disfêmicas para “mulher que se vende para qualquer homem”: *bandida, barata, bicheteira, biscate, caceteira, cachorra, galinha, meretriz, mulher sem vergonha, mulher piranha, prostituta, puta, quenga, rampeira, rapariga*, dentre outras. Há de se destacar que, apesar de Bréal não trazer à tona a alcunha disfemismo, como fez com o eufemismo (1992 [1892], p. 77), ele já tratava dessa *pretensa tendência pejorativa das palavras*.

Benke (2012) classifica essas unidades disfêmicas como possuindo carga semântica pejorativa. Ora, desse modo podemos entender o disfemismo como o oposto do eufemismo, em vez de neutralizar a ideia proibida, este recurso de substituição a reforça, com fins satíricos ou preconceituosos, por vezes.

Esta *pretensa tendência pejorativa das palavras* é um dos principais aspectos do tabu linguístico. Bréal acaba particularizando, já naquela época, um conjunto de unidades lexicais bastante específicas, sem que nomeasse tal conjunto em termos linguísticos. O semanticista acaba introduzindo à discussão a ideia de palavras que podem soar desagradáveis, se pensarmos a palavra sob a perspectiva do uso, conforme preconizava o autor. Ele torna isso mais claro quando traz à baila que “Dizer de um homem que ele mente é coisa grave, preferimos falar de sua imaginação” (BRÉAL, 1992 [1897], p. 78).

Tal exemplo demonstra o eufemismo como recurso de substituição às ideias desagradáveis, que podem soar desrespeitosas, ofender à moral de alguém, ou ainda, consoante Kroll (1984) ser entendido enquanto defeitos morais. É perceptível que Bréal consegue contextualizar conceitos importantes para os estudos do léxico tabu sem que precise se ater a classificações ou tipologias. Ele é, deste modo, um antecipador importante da noção de tabu linguístico nos estudos semântico-lexicais, ao tratar dos efeitos evocados pelo uso de vocábulos com *pretensa tendência pejorativa*, ainda que o próprio não concorde com a nomenclatura *tendência*, razão de ter acrescido o adjetivo *pretensa* ao escopo de sua análise. Ressalta-se que o elemento definidor do tabu linguístico não é a tendência pejorativa, mas a utilização que os falantes fazem de vocábulos com essa tendência.

Interessante é o modo como o autor (1992 [1897], p. 78) descreve uma das causas dessa *tendência pejorativa das palavras*. Trata-se da necessidade de termos controle, o que nos é natural, de modo que aquilo que falamos não choque ou afete negativamente nosso interlocutor. E isto é reafirmado praticamente um século depois por Augras (1989, p.46), quando a autora afirma que “parece que o tabu constitui eficiente mecanismo de controle social. Pois se o poder é perigoso, e não sou sacerdote, nem rei, nem iniciado, vou ter mais é que ficar quieto no meu canto para não me arriscar”.

A autora se refere ao tabu como um “complexo dispositivo de exclusão, articulado em vários níveis” (AUGRAS, 1989, p. 50), ressaltando que esse mecanismo automatizado pelas normas sociais e comportamentais do que se pode ou não falar legitima a própria exclusão em si. Em uma quase que forçada dicotomia, Augras (1989, p. 65) ressalta que para todo objeto-tabu há uma possível transgressão, que ao invés de dispersar a *pretensa tendência pejorativa* dos itens tabus, somente reforça essa energia que há por trás das ideias proibidas. Mas de que forma isto ocorre?

Ora, podemos pensar no próprio preconceito linguístico (BAGNO, 1999), um termo que esconde muito mais do que o “olhar-torto” a sotaques diferentes daquilo que preconiza a norma ou a concordância não padrão. O preconceito linguístico também pode se materializar em reações ao nível lexical da língua. Destaca-se que por trás da condenação pela forma como alguém diz, há uma condenação à própria pessoa. Este é o mecanismo reforçado pelo preconceito linguístico, há sempre um preconceito social, associando formas linguísticas estigmatizadas àqueles excluídos, à margem dos processos sociais.

Conforme mencionamos, Augras (1989) postula que para cada tabu há uma possível transgressão. Em níveis de linguagem, Bréal já afirmava isso, à sua maneira, no *Ensaio de Semântica* (1897), quando assevera que por trás da precaução para não chocar o interlocutor com determinadas escolhas lexicais há uma ineficácia, visto que “o ouvinte vai buscar a coisa por detrás da palavra e não tarda a nivelá-las” (BRÉAL, 1992 [1897], p. 78).

Ou seja, se não ocorre transgressão quando utilizamos um *disfemismo* como *puta* ou *quenga* para nos referirmos àquela ideia proibida – o que certamente é a causa de diversos julgamentos pelo caráter “chulo e vulgar” das expressões – a transgressão se dá de igual forma se procuramos um substituto neutro, o *eufemismo*. Quando optamos por

denominar “mulher que se vende para qualquer homem” como *madalena* ou *mulher de vida fácil*, visando a suavizar a *pretensa tendência pejorativa* já mencionada por Bréal, o ouvinte é quem transgredirá a proibição e o mecanismo de controle social, pois o simples pensar naquela ideia proibida já constitui uma transgressão por si só. Como bem relaciona Guérios (1979), “existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não deve avizinhar ações tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas.”. Ou seja, para cada palavra-tabu há um objeto-tabu ou ideia-tabu, um referente que se convencionou a constar como proibido perante determinada cultura ou determinada norma social/comportamental.

Um outro processo de significação extremamente produtivo quando pensamos na análise de tabus linguísticos é a *metáfora*. Pretendemos fazer uma breve discussão sobre esse processo de (res)significação de unidades lexicais, com base nos postulados de Bréal, para demonstrar como a polissemia pode ser elencada dentre o rol dos efeitos da metaforização.

A própria polissemia é um conceito bastante aplicável à análise de itens lexicais tabus, pois por vezes realizamos manobras com vistas a neutralizar, suavizar ou amplificar a carga pejorativa, ou como bem afirmou Bréal, a *pretensa tendência pejorativa das palavras*. Com isso, há de se demonstrar que para estudarmos tabus linguísticos, devemos considerar a grande convergência destas unidades com conceitos semânticos postulados ainda no fim do século XIX por Michel Bréal.

Na visão do autor, “a metáfora muda instantaneamente o sentido das palavras, cria expressões novas de um modo súbito. A visão de similitude entre dois objetos, dois atos, a faz nascer. Ela se faz adotar se é justa ou pitoresca, ou simplesmente se preenche uma lacuna no vocabulário.” (BRÉAL, 1992 [1897], p. 91). Esta associação que se dá no domínio psíquico é um processo bastante significativo na criação da neologia semântica³.

Utilizar unidades lexicais de outro domínio do conhecimento, mas que por alguma associação de forma, cor, aspecto em geral, venha a lembrar o referente tabuizado no universo extralinguístico é uma estratégia de descomprometimento com o

³ “Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual.” (ALVES, 1990, p. 62).

viés de proibição e o mecanismo de controle social imposto pela norma coletiva, e ao mesmo tempo, um considerável mecanismo de transgressão da norma, já que transgressão e proibição são um binômio indissociável na perspectiva dos objetos-tabu e das palavras-tabu.

Ao apontar categorias metafóricas para “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, aquilo que Kroll (1984) chamaria de tabus de defeitos físicos ou morais – em uma análise um tanto quanto ultrapassada, se pensarmos a evolução das sociedades contemporâneas – Benke (2012) menciona variantes lexicais como: *anta, besta, broco, burro, cabeça dura, cavalo, jegue, jumento, pamonha, tanso, tapado e terça-feira*. A autora considera, em sua pesquisa, que:

Nota-se, portanto, a significativa referência aos animais quadrúpedes para designar a pessoa ‘pouco inteligente’. Ao que parece, o uso dos nomes desses animais em associação à ‘pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas’ está ligada a certos comportamentos desses animais que, em tese, podem ser evidenciados nas pessoas consideradas “pouco inteligentes”. (BENKE, 2012, p. 129).

As analogias que se criam fazem parte dessa tendência do falante à criatividade e a buscar formas alternativas para expressar o modo como significam o mundo real, principalmente no tangente àqueles referentes que de alguma forma evocam falta de delicadeza, de decência e as próprias superstições.

O ponto central da discussão reside, no entanto, em pensar o porquê destas unidades lexicais semanticamente neológicas apresentarem, a partir do momento em que se dá a metaforização, traços de polissemia. Nas palavras de Bréal (1992 [1897, p. 103], isso se dá pois “À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor.”, tendo como consequência, no caso específico de itens lexicais tabu, o valor de sentido por vezes convencional e neutro, e o valor semântico pejorativo ou eufêmico. No caso dos tabus linguísticos, percebe-se uma forte tendência à metáfora gerar um novo sentido pejorativo, via de regra. É o caso das já citadas variantes *burro* e *jegue*, além de variantes para outro referente, “marido traído”, a exemplo de *boi, cangalha, corno, corno cebola, guampudo* e *touro*, metáforas pejorativas que tendem a reforçar a carga negativa já convencionalizada ao referente pela norma sociocultural. Deste modo, se pensarmos nos possíveis sentidos de *boi*, haverá um sentido-base literal, denotativo e um novo sentido de caráter satírico, por vezes lúdico, por vezes ofensivo. Todavia, a

compreensão de que existem duas possíveis significações, uma básica e uma expandida semanticamente, para tal significante, naturaliza-se rapidamente no imaginário coletivo dos falantes, pois “as palavras são colocadas cada vez num meio que lhe determina antecipadamente o valor.” (BRÉAL, 1992 [1897], p. 104), e isto reforça o caráter peculiar da Semântica de Bréal, uma postura historicista que considera fatores externos, como o próprio autor menciona ao discutir o fato de que por trás das metáforas se descobre uma perspectiva histórica.

Considerações finais

Ao considerar que as palavras carregam uma história, Bréal abre caminhos para que os lexicólogos realizem análises semânticas que relacionem o significado dos vocábulos não só com o período histórico em que estes se originam, mas com a própria cultura e o comportamento da época.

Devido a isto, podemos visualizar postulados da Semântica de Bréal que podem ser ecoados e aplicados à análise de tabus linguísticos em geral. O item tabu é um instrumento de aferição das marcas de identidade de um povo ou de uma comunidade específica, como aquela sociedade reage a certas convenções e proibições, e ainda, os próprios mecanismos que criam para atingir a transgressão do sagrado-proibido. Transgressão que, reiteramos, pode ser implícita, por parte do interlocutor, ou explícita, por parte do emissor da mensagem. Por trás dos tabus linguísticos, há uma carga histórica que explica a sua proibição ou a sua condenação pela norma social.

Atendo-se às convergências entre a teoria de Bréal e o posterior estabelecimento da noção de tabu linguístico, o próprio autor menciona a existência dos eufemismos, como sendo uma tendência oposta à tendência pejorativa das palavras (disfemismo). Trata-se da *tendência melhorativa das palavras*, pois “a polidez tem refinamentos singulares, a afecção tem contornos curiosos que fazem com que termos de significação desfavorável percam o que tinham de desagradável.” (BRÉAL, 1992 [1897], p. 78).

Em suma, podemos destacar como possíveis contribuições de Bréal aos estudos dos tabus linguísticos, considerando-se os seus significados, a visão de que os sentidos dos itens tabus se fixam através do uso pejorativo que cristaliza e reforça esses significados proibidos, mas também através do uso massificado de expressões *melhorativas*, que, estando em um polo oposto, pode neutralizar tal carga desfavorável. Além disso, o autor também antecipa o caráter binomial das ações de proibição-

transgressão do objeto-tabu, ainda que não se preocupe com nomenclaturas e classificações. Dessa forma, *Ensaio de Semântica* é um texto pioneiro ao tratar, sob a égide da significação, a noção de um tipo de vocábulo que suscita sentidos diversos, positivos ou negativos, a depender da cultura e da história, além do próprio modo como o sujeito enxerga o mundo, considerando, de forma inovadora, no contexto intelectual da época em que estava inserido, a importância do uso das palavras para a mudança do sentido das mesmas.

Referências

- ALVES, I.M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BENKE, V.C.M. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil**: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**: Ciência das Significações. Tradução: Alda Ferrás *et al.* São Paulo: EDUC, 1992 [1897].
- GUÉRIOS, R.F.M. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.
- KROLL, H. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.
- SEIDE, M.S. **A semântica de Michel Bréal**: recontextualização, fortuna crítica e aplicação. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, 2006, 280f.